

Conclusão

Ao final de minha jornada, paisagens distintas foram visitadas. Subúrbios, quartos de pensão, comércios familiares, respeitosos lares burgueses. Um rio, um cais, um navio. Vidas em trânsito, entre culturas, entre memórias. Faço coro à afirmativa do patriarca do **Relato**, quando declara que a visão de uma paisagem singular torna um indivíduo menos estranho ao local em que pisa pela primeira vez. Em meu percurso, essas estranhas paisagens se moldaram no próprio caminho das letras, das obras estudadas, permitindo meu acesso a um mundo povoado por rituais e práticas culturais com as quais não tenho familiaridade, imigrante que sou nesse terreno, mas que me seduziram a ponto de desejar contato mais estreito com as ficções de Samuel Rawet e de Milton Hatoum.

Acompanhei mais de perto os passos de um solitário imigrante judeu perambulando pelas ruas de um centro decadente. Observei uma matriarca preparando delicadas iguarias libanesas ao molho de frutas amazônicas. Dessa maneira, minha abordagem evidenciou inúmeras vezes a marca da mistura presente na cultura brasileira. Em se tratando de obras que tematizam a imigração, o tópico compareceu como elemento indispensável para se refletir sobre o transplante cultural, de identidades atravessadas por inúmeras referências culturais. Evitou-se, dessa forma, a questão fundamentalista, de uma identidade essencializada.

A reflexão sobre o tema do imigrante é vital em circunstâncias em que explodem em todos os cantos do planeta manifestações de xenofobia e intolerância, esses graves impasses do mundo contemporâneo. O dia 11 de setembro de 2001, data da derrubada das Torres Gêmeas em Nova York, e as manifestações de ódio racial na periferia de Paris, em novembro de 2005, são momentos reveladores desses tempos globalizados em que o estrangeiro ocupa papel central: décadas de exploração, subserviência e violência estão na base de algumas destas manifestações. Por outro lado, o acirramento das identidades, nacionalismos exacerbados e radicalismos fundamentalistas servem de combustível para acender a fagulha de tantos confrontos.

No Brasil, a intolerância interétnica não chega a tais níveis. A situação histórica de país colonizado, receptor de grande massa de imigrantes, impede que se estabeleça comparação direta com países hegemônicos forçados a receber de volta estrangeiros oriundos de ex-colônias espoliadas economicamente. Em meu estudo, a possibilidade de refletir sobre identidades atravessadas por referências culturais múltiplas encontra-se atrelada ao desejo de avançar alguns passos na compreensão de uma literatura que se forma também a partir da contribuição de diferentes locais de fala, de discursos enunciados sob perspectivas as mais distintas. Como a de um judeu-polonês escrevendo em português no Brasil. E a de um amazonense de ascendência libanesa repensando a diversa malha cultural da Amazônia.

A proposta de teóricos como Nestor García Canclini, que entrevê no hibridismo a possibilidade de atribuir um sentido positivo – e não hierárquico – à mistura entre as culturas e civilizações, se fez presente em minha reflexão, no sentido de entrever como essa mescla se deu no plano da linguagem, no aspecto da abertura – ou da recusa – ao outro, ao diverso. Refletir sobre o lugar que hoje ocupam Rawet e Hatoum em uma literatura que pretenda abranger a pluralidade e as múltiplas identificações que formam o Brasil passa necessariamente por essas ricas variáveis constitutivas da escrita desses autores.

Recuperar momentos pontuais da representação do imigrante na literatura brasileira permitiu que se estabelecesse uma leitura comparativa, no sentido de demarcar as principais distinções do modo como Rawet e Hatoum lidam com a matéria. Por outro lado, as distintas perspectivas dos autores em relação ao tema da tradução cultural, a meu ver, propiciaram que a reflexão acerca da condição estrangeira fosse enriquecida por uma leitura em contraponto. As vivências da estrangeiridade nos escritores em quase tudo são distintas e dessa fricção surgiram instigantes caminhos de leitura, articulando formas de representação da alteridade na tradição literária brasileira. O diálogo que estabeleci ao longo de minha escrita evidenciou paradoxos e conflitos dessas identidades em trânsito.

Talvez por desejar que a figura do imigrante não se restrinja, como alerta Adorno, a esmaecidas fichas fadadas ao desaparecimento, preponderou em meu estudo o gesto de recuperar a enunciação de discursos, tornando-os produtivos, dinâmicos, ainda que preservando uma linguagem marcada pelo vacilo, pelo

gaguejar e pelo silêncio. Silêncio de paredes brancas, como refere o patriarca do **Relato**, enclausurado no espaço fantasioso das narrativas orientais, deslocado na Amazônia. Silêncio de paredes sufocantes, como as que aprisionam Ida na precariedade de um cortiço carioca, cujas superfícies exibem nada mais que um velho retrato do marido morto. Se há perda, luto, incomunicabilidade, há também a possibilidade de ouvir uma outra música, de enunciar essas vozes para que não caíam no esquecimento completo.

Diante da alternativa entre o catolicismo e o islamismo, Hatoum afirmou ter escolhido a literatura. Equacionou, dessa maneira, um modo específico de ver o mundo e de se relacionar com a própria tradição cultural. Rawet, frente a todos os impasses já referidos, declarou ser a literatura um caminho de transcendência, um *ir além de*²⁷³. A possibilidade metafísica de ultrapassar limites, exceder, pode ser entendida como o desejo do autor de encontrar na literatura um espaço a percorrer em direção a algo superior. Entretanto, para Rawet, a salvação pela palavra ofereceu consolo provisório, vislumbrado na catarse da própria escrita, uma vez que nunca pôde se desvencilhar por completo da tradição que rejeitou. A literatura rawetiana insiste em denunciar o acanhalamento dos sentidos, em um contexto de ideologias esvaziadas, de falta de ética, do cinismo e da solidão. Sua obra não propõe o reencantamento do mundo; ao contrário, parece gritar o dilaceramento da existência humana, marcada pela falta constante. Ainda assim, o escritor se agarrou à literatura com unhas e dentes, instalando-se nesse território nem sempre hospitaleiro, mas na medida do possível, acolhedor.

Quanto à prosa de Milton Hatoum, salta aos olhos o aspecto do encantamento pela palavra, pela sedução do discurso, capaz de enredar o leitor na teia envolvente dos relatos. A perspectiva de reencantamento do mundo encontra resposta na ficção do escritor amazonense, cujos narradores sobrevivem através da escrita. Ainda que compareçam em sua prosa as cinzas e as ruínas, resta a crença na linguagem. E talvez em uma literatura que se faça a partir de tantos escombros e ausências.

Religião e literatura, um binômio de risco, mas que talvez explique a relação dos escritores com a palavra, com o desejo de atribuir um sentido maior à

²⁷³GOMES, D., op. cit., p. 162.

própria existência humana, o que demanda compromisso, dedicação, entrega. Ambos os autores, por vias diversas, escolhem a literatura como *alternativa* à religião, no sentido de mais uma vez recusar o essencialismo e o dogmatismo da verdade única. Para Rawet, o apego a tal possibilidade é atravessado por dilacerados conflitos. Para Hatoum, é opção, viagem que fecunda a experiência de pertencer ao mesmo tempo a dois lugares.

Pensar a literatura de Samuel Rawet demandou a evocação de palavras ditas e palavras caladas, que hesitam em se fazer ouvir, uma vez que a linguagem em Rawet surge como veículo da exclusão, do não-pertencimento. Quanto a Milton Hatoum, palavras balbuciadas, entrecortadas por outras falas também imprecisas, aludem às zonas sombrias da memória, aos silêncios e segredos presentes no caráter confuso da narradora que conta uma história sem entendê-la de todo.

Narrar a experiência da alteridade, nos autores em questão – seja o elemento de fora da cidade, do país, da família – , passou necessariamente pela reflexão a respeito dos limites da própria linguagem, quando se procurou indagar até que ponto a dicção totalizante se revela capaz de abarcar a experiência de ser o outro. Dessa forma, o gaguejar e o balbuciar – elementos reveladores do entrecortamento do discurso – e a fragmentação dos textos em si revelaram estratégias discursivas dos autores no intuito de preservar as lacunas inerentes ao que não se consegue narrar, seja pela impossibilidade de se recuperar as experiências de modo pleno, seja pela inviabilidade de se revisitar o tempo pretérito da infância.

Quanto ao controvertido Rawet, foi possível vislumbrar uma trajetória em que o escritor se isola na criação literária, alheio aos ambientes em que circulavam seus pares. Morre fora de Brasília, nos subúrbios do centro político do país e da cidade que ajudou a projetar, padecendo de doloroso processo de desagregação mental. Mais do que tudo isso, Rawet passa a ser um estranho também na própria tradição judaica. Reafirmando em seus escritos a impossibilidade de perpetuar a transmissão da experiência, o autor questiona o papel da memória, cuja importância é fundamental nessa tradição. Dessa maneira, se desconecta de todo e qualquer vínculo: desprovido voluntariamente de laços sociais, familiares ou culturais, Rawet encarna facilmente o romântico papel de

maldito ou excluído. Perpetuar tal abordagem não agrega nenhuma contribuição à leitura crítica do autor, daí minha opção por atritar, em determinados momentos, seus escritos aos de outros escritores brasileiros. Acredito que, em minha leitura da obra rawetiana, está presente o gesto de aproximar Rawet de seus pares, evitando, dessa forma, que ainda uma vez o isolamento seja a marca de sua obra.

Acredito ter contribuído para construir mais uma ponte teórica que facilite o acesso a esses textos, considerando que existem apenas tentativas tateantes de se aproximar de alguns dos dilemas que atravessam as obras trabalhadas. Um pouco à maneira da narradora do **Relato**, empreendi o esforço de ordenar constelações de episódios, rumores de todos os cantos e dados em abundância. Empreendi a leitura de cicatrizes, cifras, arabescos. Minha voz também plana, frágil, sobre tantas vozes estrangeiras, reconhecendo-se provisória, moldura que fixa, por um momento, os sentidos deslizantes que marcam o caráter de todas as certezas.